

UMA GUERRA QUASE INVISÍVEL NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

ARCO DE FOGO

BASE SANTARÉM
INSPIRADO EM FATOS REAIS

Edson Geraldo de Souza
João Carlos Borda



ARCO DE FOGO

**BASE SANTARÉM
INSPIRADO EM FATOS REAIS**

**Edson Geraldo de Souza
João Carlos Borda**



© 2019 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

1ª Impressão — 2019
Impressão e acabamento Eskenazi 040619

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação: Lígia Alves
Diagramação: Emap Produções

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Edson Geraldo de
Arco de fogo : Base Santarém / Edson Geraldo de Souza, João Carlos Borda.
– Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2019.

ISBN 978-85-8163-876-8

1. Ficção brasileira I. Borda, João Carlos II. Título.

19-26956 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Nota dos autores

Este livro é para quem tem sangue frio. Esperamos que você esteja disposto a participar de uma operação ao lado de um grupo de homens determinados a fazer a diferença, no coração da Amazônia, na luta por preservá-la.

Para você aproveitar melhor o livro, uma dica: fique atento às informações exibidas no início de cada capítulo sobre data e local.

Boa leitura!

Corra, porque a missão tem prazo!

Edson Geraldo de Souza

João Carlos Borda

Apresentação

Esta é uma obra inspirada em fatos reais.

As fotos que a ilustram pertencem ao acervo pessoal do autor, que foi formado por cessão colaborativa de diversos integrantes da Operação Arco de Fogo. As fotos mostram que os fatos aqui relatados ocorreram, mas não atestam que ocorreram da forma descrita.

Os registros e relatórios de todos os eventos estão assentados em anotações pessoais, noticiários, autos de inquéritos policiais, termos circunstanciados, processos judiciais e outros arquivos da Polícia Federal, Justiça Federal, Justiça Estadual, Ibama, ICMBio e Polícia Civil.

O principal objetivo aqui é mostrar ao leitor a complexidade que envolve o tema da preservação da Amazônia, a ação predadora do homem, e a luta incessante de pessoas e órgãos para tentar protegê-la.

Diante disso, alertamos o leitor de que, embora baseada em fatos reais ocorridos em 2010, em razão da maneira como se trataram nomes, pessoas e eventos, esta é uma obra de ficção.

**Operação
ARCO DE FOGO**

- 1) Desafio, 11
- 2) Fogo cruzado, 15
- 3) Aparecer na televisão, 19
- 4) Missão?, 23
- 5) Resex, 29

- 6) Recepção, 39
- 7) Super-Homem, 45
- 8) Não é derrubar, 53
- 9) O recado está dado, 61

- 10) Mil é mais fácil que uma, 67
- 11) Avise a todos, 73
- 12) A cada dia o seu mal, 91

- 13) Matador de federal, 99
- 14) Passione, 111
- 15) Gratas, 117
- 16) Puxar a Polícia Federal, 129

- 17) Ir além, 141
- 18) Em cem anos, 149
- 19) A ressalva, 161

(A)

A

- 20) Emboscada?, 169
- 21) Caminhão flutua?, 179
- 22) Alter do Chão, 189
- 23) Nossa conversa é com todos, 195

- 24) Se chegarmos vivos, 205
- 25) E na semana que vem..., 211
- 26) Em uma dessas, 219
- 27) Ainda é cedo, 229
- 28) Nós não vamos, 235

- 29) A última ponta, 241
- 30) Fantasma e zumbi, 245
- 31) Sempre corre, 257
- 32) É possível que sim, 265

- 33) A teia fina, 271
- 34) Os que o senhor mandou, 283
- 35) Vai valer para todos, 289

- Notícia da Amazônia, 297
- Um novo paradigma: Operação Arco de Fogo, 298
- Madeira que vale milhões, 302

RELATÓRIO POLICIAL

| | |
|-----------------------|-----------------------------|
| Operação Arco de Fogo | Data: 3 de setembro de 2010 |
| Local: Uruará, PA | Hora: 2h |
| Missão, dia 40 | Pág. 11 |

Não era sob aquele silêncio que as pessoas costumavam dormir depois de um dia de trabalho duro na selva, tostadas pelo calor dos fornos das carvoarias ou em meio ao barulho ensurdecedor das motosserras, que rasgavam imensas toras de jataís e jequitibás. Naquela noite, dois planos estavam em curso. Era só riscar o fósforo para o barril de pólvora explodir.

Não fosse o latido dos cães, Uruará¹ seria uma verdadeira cidade fantasma. Ruas vazias e mal iluminadas. Uma densa poeira ainda sob suspensão retocava uma atmosfera sinistra. Carros velhos na frente das casas de madeira e um semáforo, que fazia a escuridão se alternar entre o vermelho e o verde. Naquela madrugada, até o bar do Zé Raimundo, que sempre fechava bem tarde, se enquadrou na ordem vigente e todos foram para casa mais cedo. Disperso pelo ar, o cheiro da mata. A pequena cidade, às margens do rio Uruará, ao sudoeste do Pará, era como uma ilha abraçada pela maior floresta tropical do planeta — a Amazônia, o que marqueteiros de plantão resolveram chamar de “pulmão do mundo”.

¹ O município de Uruará está localizado no estado do Pará, no km 180 da Rodovia Transamazônica, entre os municípios de Altamira e Itaituba. Surgiu a partir do Plano de Integração Nacional (PIN) e do Projeto de Colonização do INCRA, na década de 1970, quando foi levado para a região um grande número de migrantes provenientes de várias regiões do país. Uruará, palavra de origem indígena, significa “cesto de flores”. Com uma área territorial de 10.637 km², seus limites são: ao norte, Prainha e Medicilândia; a leste, Medicilândia e Altamira; ao sul, Altamira; a oeste, Santarém.

Mas, naquelas horas, o que perpassava pelos pulmões de muitos dos quarenta mil moradores de Uruará era um ar pesado. No município, que prosperou com a extração de madeira, plantio de cacau e criação de gado, sobreviver era questão de obediência a um poder invisível imposto pela sede por madeira. É como se a vida tivesse prazo de validade. E geralmente tinha.

Quando os ponteiros do relógio da matriz marcaram duas horas e dez minutos, um enorme clarão iluminou as paredes do Hotel Luso e um estrondo invadiu o principal quarteirão da cidade. Pelas escadas do hotel, guiados pelo fogo que podia transparecer pelas vidraças, homens corriam em direção à porta principal. Pisadas fortes. Armas engatilhadas. Projéteis empurrados para o ferrolho. Tensão. Nas mãos dos policiais federais, o que os bandidos chamam de “Grock” e os homens da Lei chamam de anjo da guarda, as infalíveis Glock 9 mm. Precisas, fiéis.

Juliano é o primeiro a chegar. A cena é dantesca.

— Cara, detonaram a nossa viatura! Puta que pariu!

Em minutos, a viatura da Polícia Federal é consumida pelas labaredas. Lata retorcida, vidro e plásticos derretidos. Tudo vira cinzas. Um galão de gasolina, a poucos metros, indica que o serviço de entrega ainda funciona muito bem nesses labirintos da selva. Incrédulos, com as armas ainda em punho, os policiais assistem ao recado que o mensageiro sem rosto e sem nome acabou de trazer: o nome da operação é apropriado, Arco de Fogo.

